

MACHADO DE ASSIS
MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE
BRÁS CUBAS



Principis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A848m Assis, Machado de

Memórias póstumas de Brás Cubas / Machado de Assis. – 3. ed. –
Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2019.
192 p. : il. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da Literatura)

ISBN: 978-85-943-1861-9

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título. II. Série.

2019-518

CDD 869.89923

CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

Questões de vestibular comentadas pelo Mestre em Literatura Felipe Augusto Caetano. Mestre, bacharel e licenciado em Letras pela FFLCH/USP; Universidade de Franca, foi docente de Língua Portuguesa, Linguística e Literatura em colégios, cursos de línguas e preparatórios para vestibular.

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da
Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

© 2017 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto: Machado de Assis

Diagramação e Revisão: Casa de Ideias

Produção e projeto gráfico: Ciranda Cultural

3ª Edição em 2019

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Ao leitor.....	8
Capítulo I: Óbito do autor.....	9
Capítulo II: O emplastro.....	10
Capítulo III: Genealogia.....	11
Capítulo IV: A ideia fixa.....	12
Capítulo V: Em que aparece a orelha de uma senhora.....	13
Capítulo VI: <i>Chimène, qui l'eut dit? Rodrigue, qui l'eut cru?</i>	14
Capítulo VII: O delírio.....	16
Capítulo VIII: Razão contra sandice.....	21
Capítulo IX: Transição.....	22
Capítulo X: Naquele dia.....	23
Capítulo XI: O menino é pai do homem.....	24
Capítulo XII: Um episódio de 1814.....	27
Capítulo XIII: Um salto.....	31
Capítulo XIV: O primeiro beijo.....	32
Capítulo XV: Marcela.....	34
Capítulo XVI: Uma reflexão imoral.....	36
Capítulo XVII: Do trapézio e outras coisas.....	37
Capítulo XVIII: Visão do corredor.....	40
Capítulo XIX: A bordo.....	40
Capítulo XX: Bacharelo-me.....	44
Capítulo XXI: O almocreve.....	45
Capítulo XXII: Volta ao Rio.....	46
Capítulo XXIII: Triste, mas curto.....	47
Capítulo XXIV: Curto, mas alegre.....	48
Capítulo XXV: Na Tijuca.....	49
Capítulo XXVI: O autor hesita.....	51
Capítulo XXVII: Virgília?.....	53
Capítulo XXVIII: Contanto que... ..	54
Capítulo XXIX: A visita.....	55
Capítulo XXX: A flor da moita.....	56
Capítulo XXXI: A borboleta preta.....	57
Capítulo XXXII: Coxa de nascença.....	59
Capítulo XXXIII: Bem-aventurados os que não descem.....	60
Capítulo XXXIV: A uma alma sensível.....	61
Capítulo XXXV: O caminho de Damasco.....	62
Capítulo XXXVI: A propósito de botas.....	62
Capítulo XXXVII: Enfim!.....	63
Capítulo XXXVIII: A quarta edição.....	64

Capítulo XXXIX: O vizinho	66
Capítulo XL: Na sege	67
Capítulo XLI: A alucinação	68
Capítulo XLII: Que escapou a Aristóteles	69
Capítulo XLIII: Marquesa, porque eu serei marquês	69
Capítulo XLIV: Um Cubas!	70
Capítulo XLV: Notas	71
Capítulo XLVI: A herança	71
Capítulo XLVII: O recluso	74
Capítulo XLVIII: Um primo de Virgília	74
Capítulo XLIX: A ponta do nariz	75
Capítulo L: Virgília casada	76
Capítulo LI: É minha!	77
Capítulo LII: O embrulho misterioso	79
Capítulo LIII:	80
Capítulo LIV: A pêndula	81
Capítulo LV: O velho diálogo de Adão e Eva	82
Capítulo LVI: O momento oportuno	83
Capítulo LVII: Destino	84
Capítulo LVIII: Confidência	85
Capítulo LIX: Um encontro	86
Capítulo LX: O abraço	88
Capítulo LXI: Um projeto	89
Capítulo LXII: O travesseiro	90
Capítulo LXIII: Fugamos!	90
Capítulo LXIV: A transação	93
Capítulo LXV: Olheiros e escutas	95
Capítulo LXVI: As pernas	96
Capítulo LXVII: A casinha	97
Capítulo LXVIII: O vergalho	98
Capítulo LXIX: Um grão de sandice	99
Capítulo LXX: Dona Plácida.....	100
Capítulo LXXI: O senão do livro.....	101
Capítulo LXXII: O bibliômano.....	101
Capítulo LXXIII: O <i>luncheon</i>	102
Capítulo LXXIV: História de Dona Plácida	103
Capítulo LXXV: Comigo	105
Capítulo LXXVI: O estrume	105
Capítulo LXXVII: Entrevista.....	106
Capítulo LXXVIII: A presidência	107
Capítulo LXXIX: Compromisso	108
Capítulo LXXX: De secretário.....	109
Capítulo LXXXI: A reconciliação	110

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Capítulo LXXXII: Questão de botânica.....	112
Capítulo LXXXIII: 13.....	113
Capítulo LXXXIV: O conflito.....	114
Capítulo LXXXV: O cimo da montanha.....	115
Capítulo LXXXVI: O mistério.....	116
Capítulo LXXXVII: Geologia.....	116
Capítulo LXXXVIII: O enfermo.....	118
Capítulo LXXXIX: <i>In extremis</i>	119
Capítulo XC: O velho colóquio de Adão e Caim.....	121
Capítulo XCI: Uma carta extraordinária.....	122
Capítulo XCII: Um homem extraordinário.....	123
Capítulo XCIII: O jantar.....	124
Capítulo XCIV: A causa secreta.....	125
Capítulo XCV: Flores de antanho.....	125
Capítulo XCVI: A carta anônima.....	126
Capítulo XCVII: Entre a boca e a testa.....	127
Capítulo XCVIII: Suprimido.....	127
Capítulo XCIX: Na plateia.....	128
Capítulo C: O caso provável.....	129
Capítulo CI: A Revolução Dálmata.....	130
Capítulo CII: De repouso.....	131
Capítulo CIII: Distração.....	131
Capítulo CIV: Era ele!.....	133
Capítulo CV: Equivalência das janelas.....	134
Capítulo CVI: Jogo perigoso.....	135
Capítulo CVII: Bilhete.....	136
Capítulo CVIII: Que se não entende.....	136
Capítulo CIX: O filósofo.....	137
Capítulo CX: 31.....	138
Capítulo CXI: O muro.....	139
Capítulo CXII: A opinião.....	140
Capítulo CXIII: A solda.....	141
Capítulo CXIV: Fim de um diálogo.....	141
Capítulo CXV: O almoço.....	142
Capítulo CXVI: Filosofia das folhas velhas.....	142
Capítulo CXVII: O humanitismo.....	143
Capítulo CXVIII: A terceira força.....	146
Capítulo CXIX: Parêntesis.....	147
Capítulo CXX: <i>Compelle intrare</i>	147
Capítulo CXXI: Morro abaixo.....	148
Capítulo CXXII: Uma intenção mui fina.....	149
Capítulo CXXIII: O verdadeiro Cotrim.....	150
Capítulo CXXIV: Vá de intermédio.....	151

Capítulo CXXXV: Epitáfio.....	152
Capítulo CXXXVI: Desconsolação.....	152
Capítulo CXXXVII: Formalidade.....	153
Capítulo CXXXVIII: Na Câmara.....	154
Capítulo CXXXIX: Sem remorsos.....	154
Capítulo CXXX: Para intercalar no capítulo CXXXIX.....	155
Capítulo CXXXI: De uma calúnia.....	155
Capítulo CXXXII: Que não é sério.....	157
Capítulo CXXXIII: O princípio de Helvetius.....	157
Capítulo CXXXIV: Cinquenta anos.....	157
Capítulo CXXXV: <i>Oblivion</i>	158
Capítulo CXXXVI: Inutilidade.....	159
Capítulo CXXXVII: A barretina.....	159
Capítulo CXXXVIII: A um crítico.....	161
Capítulo CXXXIX: De como não fui ministro d’Estado.....	161
Capítulo CXL: Que explica o anterior.....	162
Capítulo CXLI: Os cães.....	163
Capítulo CXLII: O pedido secreto.....	164
Capítulo CXLIII: Não vou.....	165
Capítulo CXLIV: Utilidade relativa.....	166
Capítulo CXLV: Simples repetição.....	166
Capítulo CXLVI: O programa.....	166
Capítulo CXLVII: O desatino.....	167
Capítulo CXLVIII: O problema insolúvel.....	168
Capítulo CXLIX: Teoria do benefício.....	169
Capítulo CL: Rotação e translação.....	171
Capítulo CLI: Filosofia dos epitáfios.....	172
Capítulo CLII: A moeda de Vespasiano.....	172
Capítulo CLIII: O alienista.....	172
Capítulo CLIV: Os navios do Pireu.....	174
Capítulo CLV: Reflexão cordial.....	174
Capítulo CLVI: Orgulho da servilidade.....	174
Capítulo CLVII: Fase brilhante.....	175
Capítulo CLVIII: Dois encontros.....	176
Capítulo CLIX: Semidemênia.....	177
Capítulo CLX: Das negativas.....	177

Complemento de leitura

Sobre o autor.....	180
Texto e contexto.....	181
Tome nota.....	182
Questões comentadas.....	183

*“Ao verme
que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver
dedico como saudosa lembrança estas
Memórias Póstumas”*

AO LEITOR

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimia-mente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas

CAPÍTULO I

ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferi à beira de minha cova: “Vós, que o conhecestes, meus senhores vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.”

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe dei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha, um lírio do vale –, e... Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade padeceu mais. Não digo que

se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

“Morto! morto!” – dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferrarem o voo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos –, a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra e lodo, e coisa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia do que uma ideia grandiosa e útil a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

CAPÍTULO II

O EMPLASTRO

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplastro Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do ruído, do cartaz do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplastro.

CAPÍTULO III

GENEALOGIA

Mas, já que falei nos meus dois tios, deixem-me fazer aqui um curto esboço genealógico.

O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós – dos avós que a minha família sempre confessou –, porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro e talvez mau tanoeiro, ao

passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei Conde da Cunha.

Como este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto de Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um *calembour*. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor, Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas.

Vivem ainda alguns membros de minha família, minha sobrinha Venância, por exemplo, o lírio do vale, que é a flor das damas de seu tempo; vive o pai, o Cotrim, um sujeito que... Mas não antecipemos os sucessos; acabemos de uma vez com o nosso emplastro.

CAPÍTULO IV

A IDEIA FIXA

A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a ideia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que Bismarck não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira. Por exemplo, Suetônio deu-nos um Cláudio, que era um simplório, ou “uma abóbora” como lhe chamou Sêneca, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que dos dois césaes, o delicioso, o verdadeiro delicioso, foi o “abóbora” de Sêneca. E tu, madama Lucrecia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que te apagou muito essa qualidade, e, se não vieste a lírio, também não ficaste pântano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sábio.

Viva pois a história, a volúvel história que dá para tudo; e, tornando à ideia fixa, direi que é ela a que faz os varões fortes e os doidos; a ideia móbil, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios —, fórmula Suetônio.

Era fixa a minha ideia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a Lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta germânica. Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regala, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

Vamos lá; retifique o seu nariz, e tornemos ao emplastro. Deixemos a história com os seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a confissão de Augsburgo; pela minha parte; se alguma vez me lembro de Cromwell, é só pela ideia de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancara o parlamento, teria imposto aos ingleses o emplastro Brás Cubas. Não se riam dessa vitória comum da farmácia e do puritanismo. Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem? Mal comparando, é como a arraia-miúda, que se acolhia à sombra do castelo feudal; caiu este e a arraia ficou. Verdade é que se fez graúda e castelã... Não, a comparação não presta.

CAPÍTULO V

EM QUE APARECE A ORELHA DE UMA SENHORA

Senão quando, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei. Tinha o emplastro no cérebro; trazia comigo a ideia fixa dos doidos e dos fortes.

Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas, e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é diante de tão excelso espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta-feira, dia aziago, e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes.

Não era impossível, entretanto, que eu chegasse a galgar o cimo de um século, e a figurar nas folhas públicas, entre macróbios. Tinha saúde e robustez. Suponha-se que, em vez de estar lançando os alicerces de uma invenção farmacêutica, tratava de coligir os elementos de uma instituição política, ou de uma reforma religiosa. Vinha a corrente de ar, que vence em eficácia o cálculo humano, e lá se ia tudo. Assim corre a sorte dos homens.

Com esta reflexão me despedi eu da mulher, não direi mais discreta, mas com certeza mais formosa entre as contemporâneas suas, a anônima do primeiro capítulo, a tal, cuja imaginação à semelhança das cegonhas do Ilisso... Tinha então 54 anos, era uma ruína, uma imponente ruína. Imagine o leitor que nos amamos, ela e eu, muitos anos antes, e que um dia, já enfermo, vejo-a assomar à porta da alcova...

CAPÍTULO VI

CHIMÈNE, QUI L'EUT DIT? RODRIGUE, QUI L'EUT CRU?

Vejo-a assomar à porta da alcova, pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante um minuto, sem ânimo de entrar, ou detida pela presença de um homem que estava comigo. Da cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia já dois anos que não nos víamos e eu via-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos, porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis. Recuou o sol, sacudi todas as misérias, e este punhado de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa igualaria ali a simples saudade.

Creiam-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se pode gozar deveras; porque entre uma e outra dessas duas ilusões, melhor é a que se gosta sem doer.

Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expeliu o passado. Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas. O que por agora importa saber é que Virgília – chamava-se Virgília – entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os anos, e veio até o meu leito. O estranho levantou-se e saiu. Era um sujeito que me visitava todos os dias para falar do câmbio, da colonização e da necessidade de desenvolver a viação férrea; nada mais interessante para um moribundo. Saiu; Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados. Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabelos escuros a intercalar-se com alguns fios de prata.

– Anda visitando os defuntos? – disse-lhe eu.

– Ora, defuntos! – respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – Ando a ver se ponho os vadios para a rua.

Não tinha a carícia lacrimosa de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples enfermeiro; podíamos falar um ao outro, sem perigo. Virgília deu-me longas notícias de fora, narrando-as com graça, com um certo travo de má língua, que era o sal da palestra; eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele, em persuadir-me que não deixava nada.

– Olhe que não volto mais. Morrer! Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos.

E vendo o relógio:

– Jesus! São três horas. Vou-me embora.

– Já?

– Já; virei amanhã ou depois.